



RELAÇÃO DA CRIANÇA COM A NATUREZA: ABRINDO AS PORTAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA NOVAS APRENDIZAGENS

Child's relation with nature: opening child's education doors to new apprenticeships


Gabrielle Maria de CARVALHO


Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal de São João Del Rei
São João Del Rei, MG, Brasil
gabriellemacarvalho21@hotmail.com
<https://orcid.org/0009-0000-5668-3638> 

Amanda VALIENGO

Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal de São João Del Rei
São João Del Rei, MG, Brasil
amanda.valiengo@ufsj.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-2252-4588> 

Cristiane Castro de Oliveira FERREIRA

Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal de São João Del Rei
São João Del Rei, MG, Brasil
castroferreiracris@hotmail.com
<https://orcid.org/0009-0001-9038-2510> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 



HORN, Maria da Graça Souza, BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Abrindo as portas da escola infantil viver e aprender nos espaços externos.** Porto Alegre: Penso, 2022.

RESUMO

Este texto refere-se a uma resenha do livro *Abrindo as portas da escola infantil: viver e aprender nos espaços externos*, de autoria de Maria da Graça Souza Horn e Maria Carmem Silveira, professoras universitárias da área da Educação Infantil. O livro publicado em 2022 é resultado de uma parceria, de muitos anos das autoras, que, de maneira comprometida com a formação docente, encaram seu trabalho como forma de animar a vida. A temática da relação da criança com os espaços naturais é apresentada considerando a contribuição da história da Educação Infantil nacional e internacional e das contribuições atuais para auxiliar professoras e professores a abrirem as portas da Educação Infantil. Apesar da relevância da temática, as práticas pedagógicas envolvendo as aprendizagens em espaços externos ou relacionadas à natureza ainda são, muitas vezes, inexistentes dos currículos da Educação Infantil, por isso o livro se torna tão necessário à formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Relação da criança com a natureza. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This text is relative to a review of the book *Opening the doors of child school: living and learning on external spaces*, written by Maria da Graça Souza Horn and Maria Carmem Silveira, college teachers from Child Education area. The book, published on 2022 is the outcome of an author's long-term partnership, both known as committed with teacher's education and by understanding their work as a way to live up life. The theme of child's relation with natural Spaces is presented considering national and international child education history contribution and also contemporary developments to relieve teachers to open the doors of child education. Regardless the importance of the issue, pedagogical practices involving learning on external spaces or related to nature still are, many times, nonexistent on child education curriculum, reason why the book analyzed is so necessary to teacher's education.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Child Relation with Nature. Pedagogical Practices.

INTRODUÇÃO

O livro *Abrindo as portas da escola¹ infantil: viver e aprender nos espaços externos*, de autoria de Maria da Graça Souza Horn e Maria Carmem Silveira Barbosa (Horn, Barbosa, 2022), é um convite às professoras² e aos professores para conhecerem diferentes relatos, fundamentos e possibilidades de práticas pedagógicas, abrindo as portas da Educação Infantil para diferentes experiências da criança com a natureza. As autoras, referências na área da Educação Infantil, têm uma larga experiência com a formação de professoras e professores e diferentes publicações.

Maria da Graça Souza Horn, falecida antes da publicação deste livro, é especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Educação Infantil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Doutora em Educação Infantil pela UFRGS.

Maria Carmem Silveira Barbosa é professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS. Especialista em Alfabetização em Classes Populares pelo Grupo de

¹ Nessa resenha, usamos o termo escola quando estamos fazendo uma citação direta ao livro resenhado, embora defendamos, assim como grande parte das pesquisadoras do Brasil, a não utilização dessa palavra na defesa de que a Educação Infantil tem suas especificidades, uma gramática própria construída ao longo da história, que não considera aspectos escolarizantes dos outros níveis da educação básica.

² A maior parte do corpo docente e das pesquisas na Educação Infantil é realizada por mulheres, por isso marcamos ao longo da resenha: professoras, gestoras, pesquisadoras.

Estudos sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação (GEEMPA) e em Problemas do desenvolvimento Infantil pelo Centro Lidia Coria. Mestre em Planejamento em Educação pela UFRGS e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Maria da Graça Souza Horn é também autora dos livros “Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil” e “Brincar e interagir nos espaços da escola infantil”. Maria Carmem Silveira Barbosa é autora do livro “Por amor e por força: rotinas na educação infantil”. Juntas elas também escreveram o livro “Projetos Pedagógicos na educação infantil”, deixando evidente a ampla experiência das autoras e a parceria existente entre elas durante anos, que foi também expressa no posfácio do livro por Maria Carmem Silveira Barbosa que relata brevemente como as duas se conheceram e dedica carinhosamente a publicação desse livro a sua grande amiga.

A obra aqui exposta foi produzida em um contexto ímpar da nossa história. No final do ano de 2019 surgiu um vírus conhecido como Covid-19 que rapidamente se espalhou por todo o mundo, causando milhares de mortes. No Brasil, em meados do mês de março de 2020, houve o fechamento de comércio, restaurantes, parques, cinemas, teatros e escolas. De maneira gradativa, cada Prefeitura/Estado foram decretando “Quarentena” para toda população, que era o isolamento total. Somente serviços essenciais poderiam funcionar com medidas de segurança: uso de máscara, álcool em gel 70% para higienizar as mãos e objetos e respeitar o distanciamento entre as pessoas de mais ou menos um metro e meio.

Nesse sentido, Lima e Sousa (2023) discutem sobre o aumento do uso de telas no período de isolamento social e ressaltam os impactos dessa realidade no desenvolvimento de crianças e adolescentes apontando algumas consequências, como alterações no sono, na atenção, alimentação, prejuízos nos relacionamentos interpessoais, desencadeamento de ansiedade, depressão, estresse, medo e pânico. Inserido neste contexto, a temática do livro sobre a relação da criança com a natureza se torna ainda mais necessária e relevante.

O livro é voltado para o estudo do ambiente educativo e sua organização, perspectivando o uso dos espaços externos. Pertence ao campo da Educação Infantil e Maria Carmem Silveira Barbosa relata que sua escrita foi iniciada no ano de 2020, logo quando Maria da Graça Souza Horn descobriu que estava doente com o intuito de ocupar o seu tempo e ser algo para animá-la diariamente. Além de ser uma importante contribuição para a Educação Infantil ao mostrar um novo olhar para os espaços abertos

e a importância do contato com a natureza para o desenvolvimento humano. Apesar de ter sido um ano difícil para todos, devido a pandemia da Covid-19, Maria Carmem Silveira Barbosa conta que as autoras se encontravam presencialmente para conversarem, rever o material, escolher fotos e definirem os detalhes finais.

Além da presente seção introdutória, esta resenha está organizada em mais três momentos. O momento seguinte apresenta algumas características do projeto gráfico do livro. O terceiro ressalta aspectos textuais e conceituais apresentados na obra. O último traz as considerações finais.

PROJETO GRÁFICO COMO PONTE PARA DIFERENTES EXPLORAÇÕES

O livro ora resenhado, publicado de maneira impressa, tem a segunda, terceira e quarta capas, bem como a lombada, na cor verde já incitando uma representação da natureza, das árvores. A primeira capa tem uma foto com quatro crianças com aparência de serem menores de quatro anos de idade. Seus corpos parecem imersos na exploração de folhas de árvores e gravetos caídos na terra. As crianças pegam um graveto com suas mãos intercaladas demonstrando uma descoberta coletiva. A mesma imagem é diagramada de duas formas diferentes: na capa de forma aberta valorizando o espaço externo a ser explorado pelas crianças e na abertura dos cinco capítulos, de maneira fechada no fazer das crianças. Espaço este infinito, uma vez que a imagem não tem bordas. A escolha por utilizar uma imagem sangrada³ reforça a ideia de que o espaço extrapola os limites do livro. E a segunda forma vem no miolo do livro, onde são utilizadas as mesmas técnicas de edição para a reprodução da imagem, porém o objetivo aqui é apontar uma lupa para a exploração da natureza feita pela criança. Dessa forma, optam por trabalhar com uma imagem mais fechada nas crianças. Essa mesma imagem abre todos os capítulos do livro que se iniciam na cor verde e com seus subtítulos escritos em letras brancas.

Tal imagem suscita uma organização curricular da creche e pré-escola que privilegiem espaços externos e promovam vivências que sejam significativas nesses espaços, permitindo às crianças brincarem, imaginarem, se relacionarem, questionarem, explorarem, experimentarem diversas sensações, resolverem conflitos, formularem hipóteses, expressarem seus sentimentos e emoções e que, acima de tudo, façam isso com liberdade deixando livre a sua criatividade. Tudo isso faz com que se

³ Esse termo é bastante utilizado nas áreas da comunicação para quando a fotografia ultrapassa a margem, finalizando além da página.

crie um envolvimento da criança com o meio ambiente e a natureza, permitindo que ela construa conhecimentos científicos e conceitos de preservação, cuidado com a natureza e sustentabilidade, além de promover todo o seu desenvolvimento.

Ainda seguindo essa linha, o designer optou por uma fonte arredondada e sem serifas, contemporânea. O formato das letras reforça a ideia de infinitude. As cores das letras e páginas remetem a cor da terra e das matas. Servem ao mesmo tempo para mostrar a organização estrutural, proposta pelas autoras, bem como leva o leitor para a temática da natureza.

O livro contém 159 páginas organizadas em: Apresentação, feita por Silvia H. V. Cruz, Doutora em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), com Pós-doutorado na Universidade do Minho, Portugal; Prefácio, escrito por Paulo Fochi, coordenador e professor do Curso de Especialização em Educação Infantil da Unisinos e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo/Universitat de Barcelona; Introdução; Corpo do livro dividido em cinco capítulos; Posfácio, escrito por Maria Carmem Silveira Barbosa; Referências e Apêndice, contendo o nome de quatorze organizações, programas, associações e institutos nacionais que atuam na educação.

É importante destacar que ao final dos capítulos um, dois, três e quatro, Maria da Graça Souza Horn e Maria Carmem Silveira Barbosa apresentam relatos de experiências de autorias diferentes, em busca de exemplificar como acontece na prática o que foi abordado no decorrer do capítulo. As páginas desses relatos são diferenciadas, pois possuem uma cor em tom de terra clara, enquanto as outras são brancas, algumas trazem imagens reais dos espaços retratados e de crianças utilizando esses espaços.

ABRINDO AS PORTAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: EDUCAR CRIANÇAS PARA O CUIDADO COM O MUNDO

O conteúdo de todo livro é organizado de maneira que o leitor possa conhecer aspectos históricos, contribuições internacionais e nacionais acerca das propostas pedagógicas que permitem às crianças se relacionarem com espaços externos, com a cidade e com a natureza. As autoras expõem tanto experiências particulares, de uma pessoa ou de situações vivenciadas em creches e pré-escolas específicas, como propostas de políticas públicas que valorizam a aprendizagem em contexto, em diferentes espaços, e a educação ambiental.

Na introdução, as autoras enfatizam que no mundo contemporâneo as crianças vivem sua infância cada vez mais afastadas da natureza. Não brincam mais ao ar livre,

em contato com terra, pedras, folhas, gramas, árvores, não correm nem pulam em espaços abertos ao ar livre. Isso tem gerado uma verdadeira crise que precisa ser repensada, pois a cada dia mais surgem consequências como obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, dificuldades motoras, falta de convivências com seus pares e o excesso de telas (TV, celular, tablets).

Elas destacam que muitas vezes os espaços externos existentes nas creches e pré-escolas se configuram como o único espaço e tempo em que a criança estará em contato com a natureza, daí a importância das professoras e dos professores validarem esses espaços externos das instituições como espaços onde acontecem, de fato, aprendizados reais, significativos, desafiadores, estimuladores e criativos. Além de serem fundamentais para a socialização, exploração, criação, construção e desconstrução durante a infância. É preciso considerar que as crianças aprendem em todos os lugares da creche e da pré-escola e romper com a ideia de que os espaços externos servem apenas para as crianças extravasarem, durante alguns minutos, a energia acumulada após ficarem horas fechadas entre quatro paredes.

No primeiro capítulo, *Jardim, pátio e outros quintais: a importância atribuída ao espaço ao ar livre da escola na história da educação infantil*, as autoras trazem diferentes experiências nacionais e internacionais promovidas por estudiosas e estudiosos renomados ao longo da história da educação, voltadas para a relação entre criança, infância e natureza.

Neste capítulo, há uma introdução e, em seguida, um primeiro tópico que apresenta “as relações entre criança, infância e natureza na história da Pedagogia” (Horn; Barbosa, 2022, p. 11) por meio das ideias de Froebel, Robert Owen, Grace Owen, irmãs McMillan, Marie Pape-Carpentier e Susan Brès, Pauline Kergomard, Rosa Sensat e Carolina Agazzi, Jean-Ovide Decroly e de iniciativas institucionais para implementação de práticas educativas que possibilitem a relação da criança com a natureza, como escolas na floresta, escola bosque, escolas Waldorf, experiência de Lóczy e os parques de aventuras.

É importante ressaltar que as práticas citadas acima tinham em comum alguns princípios, como o de deixar as crianças explorarem ao máximo o espaço ao ar livre e o contato com a natureza, movimentando livremente, desenvolvendo a criatividade, a observação e exploração dos elementos naturais, além de experiências sociais e práticas cotidianas da vida. Tudo isso, respirando ar puro, sob a luz do sol, preservando a saúde e o bem-estar das crianças.

O segundo tópico, dedicado “as crianças brasileiras e as escolas em espaços abertos” (Horn; Barbosa, 2022, p. 22), é dividido em três momentos: os primeiros 50 anos do século XX, com os parques infantis de Mário de Andrade e a escola parque de Anísio Teixeira; os anos 1960 e 1970, com uma revitalização dos jardins de infância e criação de escolas alternativas, apresentando também um manual de Heloísa Marinho com relato de experiências suecas e algumas escolas alternativas idealizadas nas décadas de 1970 e 1980 (Escola Te-rte e Casa Redonda) e, por último, o movimento de “desemparedamento” das escolas infantis, liderado por Tiriba.

O relato de experiência que finaliza o primeiro capítulo é de autoria de Carolina Gobbato⁴, que apresenta partes do seu diário de viagem de estudo em *Aarhus*, na Dinamarca, contando as experiências das escolas e propostas mais radicais: as escolas bosque chamadas *Skovbornehave*, que as crianças passam o dia na floresta, e os espaços de jogos chamados *Skrammlejepladser*.

Neste relato observa-se na prática como a experiência de escola bosque tem sido colocada em prática recentemente. A autora do relato relembra de momentos da visita em que viu crianças passarem o dia brincando no bosque, subindo em árvores, alimentando galinhas e recolhendo seus ovos. Relata também os momentos em que essas crianças se encontravam sentadas em volta de fogueiras para assarem pães e muitas outras experiências que contribuíam para construção de consciência ambiental e coletiva nas crianças desde cedo, valorizando todo o espaço externo como um ambiente de aprendizado para toda a vida, envolvendo, principalmente, elementos essenciais da natureza como terra, fogo, água e ar.

Esse primeiro relato destaca a livre circulação das crianças nos ambientes internos e externos, e também toda a estrutura física da instituição relatada. A autora destaca que os espaços são interligados com janelas de vidros bem amplas permitindo a entrada da luz do sol, além de conter ambientes que promovem a convivência coletiva.

No segundo capítulo, *Para além dos muros da escola: a natureza e a cidade como ambientes de vida e aprendizagem*, as autoras dialogam com diversos autores a respeito de conceitos sobre aprendizagem sociocultural e consciência individual, dialogando também com documentos oficiais, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs), a respeito da relevância da educação ambiental.

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora adjunta do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Sul (UERGS).

Ao final deste capítulo, o relato de experiência presente é o da Eleonora das Neves Simões⁵. A autora aborda sua pesquisa feita na educação infantil de um município da região metropolitana de Porto Alegre - RS a respeito das relações que as crianças estabelecem com o pátio da escola, considerando o pátio das escolas de educação infantil como um grande laboratório.

A turma que ela acompanhou era de crianças entre 4 e 5 anos. A professora utilizava três pátios, um interno, um externo e um pátio de uso comum no fundo das salas. No pátio interno havia brinquedos fixos como balanços, desenhos pintados no chão de amarelinha, pista, bancos parecidos com os de praça, uma árvore e canteiros. No pátio externo ficava brinquedos tradicionais como gangorra, escorregador, balanço, casinha de tijolos, telefone sem fio feitos de tubo PVC e tubos de concreto. Em ambos os pátios havia ainda alguns espaços para brincadeiras e outras possibilidades pensadas pelas professoras e gestoras. Esses espaços geralmente eram frequentados no mesmo horário, por volta das 15 horas, por todos os grupos. Além desses espaços, havia também um pátio de uso comum, que tinha uma porta no fundo das salas.

O terceiro capítulo, *A vivência dos campos de experiência nos espaços externos*, dialoga mais diretamente com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a respeito da organização das aprendizagens na educação infantil. Discutem a partir dos Campos de Experiência, não como tem sido feito tradicionalmente como um currículo organizado por disciplinas e que fragmenta o conhecimento, mas que seja organizado a partir dos desejos das crianças de aprender, conhecer e explorar, em que o professor tem o papel de mediador e a própria criança construa seus conhecimentos.

De acordo com a BNCC “Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (Brasil, 2018, p. 40). Alguns saberes e conhecimentos são considerados essenciais e por isso são previstos como direito das crianças. Assim, os campos de experiência estão organizados dentro da BNCC da seguinte maneira: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

⁵ Professora de educação infantil da rede municipal de Rio Grande (RS), licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG), mestra em Educação pela UFRGS, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI).

O relato de experiência que finaliza o terceiro capítulo é de autoria de Larissa Kovalski Kautzmann⁶. Ela relata um pouco da sua experiência como membro da equipe profissional de uma instituição de educação infantil que em 2014 começou a refletir sobre a forma que utilizavam os espaços externos, principalmente como estes poderiam ser utilizados para além de dias de sol, despertando um olhar para o respeito à infância dentro desse contexto de vida social e coletiva na educação infantil. Para enriquecer ainda mais o relato traz seis fotografias coloridas de crianças vivenciando experiências ao ar livre em dias de chuva, usando botas de galocha, capas de chuva e guarda-chuva, como esses materiais ficavam organizados na escola e alguns espaços construídos com diferentes objetos no quintal.

A autora relata que nem sempre foi assim, antes as crianças só brincavam no espaço externo se não estivesse chovendo, sempre com horários fixos e determinados. Tudo começou a mudar quando a equipe estava estudando o texto “Crianças da natureza” de Léa Tiriba (2010) e começaram então a questionar as relações das crianças com a natureza dentro da instituição que sempre teve um espaço externo bem amplo, com árvores frutíferas, grama e terra, mas que quase não eram utilizados. Atrelado a fala de um aluno que questionou o fato de não poderem ir lá fora quando estava molhado, a equipe começou a refletir e a pensar sobre esse questionamento e chegaram à conclusão que não havia justificativa para não saírem.

A partir disso surgiu um planejamento de escuta das crianças, referenciais teóricos, vídeos e documentários e começaram a traçar formas de transformar o espaço externo em um espaço propício para brincadeiras e diversas interações, além de oportunidades de aprendizado sobre os fenômenos da natureza, no caso a chuva por exemplo, acompanhar de perto o desenvolvimento de frutas e poder colhê-las direto do pé tudo em busca de promover um lugar que levasse as crianças a viverem sua infância da melhor forma possível.

O quarto capítulo, *Construindo espaços para brincadeiras ao ar livre*, novamente dialoga com diversos autores dentre eles Staccioli, Jaume, Barros, Veia Vecchi, Dubovik e Cippitelli (*apud* Horn; Barbosa, 2022), abordando diferentes formas para se organizar e planejar os espaços externos para as crianças vivenciarem experiências, trazendo também diversas ideias de materiais, brinquedos entre outros elementos que podem ser disponibilizados nessas áreas externas. As autoras partem do pressuposto que no mundo contemporâneo muitas crianças moram em apartamentos e quase não tem

⁶ Mestra em Educação, pedagoga, assessora e consultora pedagógica em educação infantil. Professora do Centro de Educação Infantil Cantinho Feliz, localizado em Curitiba – PR.

contato com a natureza, fazendo da educação infantil uma etapa fundamental para promover esse contato entre criança e natureza. Neste capítulo encontra-se como sugestão até o desenho de duas formas possíveis de organizar espaços externos, com árvores, balanços, escaladores, casinhas na árvore, pontes, escorregadores, brinquedos de madeira, canteiro para plantar, grama, caminho de pedras/madeira, caixas de areia, quiosques, regadores e muito mais.

O relato de experiência que finaliza esse capítulo é de Daniele Marques Vieira⁷, que apresenta um pouco sobre suas observações e vivências na Escola Parlenda, uma instituição privada de educação infantil, na cidade de Curitiba – PR. Ela traz em seu relato cinco fotografias coloridas de uma árvore presente no quintal da escola, duas crianças explorando o espaço externo e amoras ainda presas à árvore.

A autora destaca que a escola possui um espaço externo, também chamado de quintal, que possui ampla área verde, gramado e árvores frutíferas. Relata também que as crianças vivenciam todo esse contato com a natureza e suas transformações diariamente ao longo do ano, interagindo com as plantas, acompanhando o surgimento das flores e frutos e posteriormente fazendo a colheita, além da interação com pedras de diversos tamanhos, gravetos, folhas, terra, grama e tudo que o espaço proporciona.

Desde bem pequenas, logo que começam a andar, as crianças do grupo de 2 anos já começam a frequentar diariamente o quintal instigadas pela professora a logo iniciarem sua exploração. Ao observar a amoreira as crianças vão construindo indagações e buscando respostas a respeito do porquê algumas amoras estão verdes, outras rosáceas, outras vermelhas, qual seria mais azedinha ou mais saborosa. Sentados sob a sombra da amoreira elas se divertem criando rimas com a palavra amora e são convidadas a experimentarem a fruta e compartilham o que acharam do sabor, da textura, da cor e muito mais. Todo esse aprendizado envolvendo as amoras permite que as crianças criem vínculos com a natureza.

O quinto capítulo, *Experiências exitosas em redes públicas de educação infantil*, foca em destacar dois relatos de experiência que mesmo tendo percorrido caminhos diferentes têm resultados exitosos. Essas experiências aconteceram nas cidades de Joinville (Santa Catarina) e Nova Hamburgo (Rio Grande do Sul).

O primeiro relato desse capítulo é sobre o Programa Reinventando o Espaço Escolar criado pela equipe de educação infantil da Secretaria Municipal de Educação de

⁷ Doutora em Educação, pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Infância e Educação Infantil da Universidade Federal do Paraná (UFPR), consultora em educação infantil, assessora pedagógica da Escola Parlenda, de Curitiba.

Joinville a partir de indagações que surgiram após a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEIs) em 2009. Para exemplificar melhor as mudanças que ocorreram com o programa, tem onze fotografias coloridas, algumas sendo o antes e depois de alguns espaços externos e também de alternativas sustentáveis que foram criadas.

Juntamente com as/os profissionais da rede, questionamentos e reflexões a respeito dos espaços externos existentes e como eles eram usados, criaram então o Núcleo de Educação Ambiental e o Núcleo de Obras envolvendo os profissionais da educação infantil. A função dessa equipe era fazer um levantamento de como estavam os espaços externos dos centros de educação infantil do município, as condições dos brinquedos de parques disponíveis, organização, limpeza, acessibilidade, arborização, entre outros aspectos.

As conclusões após esse levantamento foram apresentadas às gestoras/gestores coordenadoras/coordenadores pedagógicos, que refletiram sobre a necessidade de mudança. Surgiu então um grande desafio, o de transformar os espaços externos das instituições, reinventando-os completamente de forma coletiva (profissionais, famílias e crianças, respeitando e ouvindo a necessidade de todos).

O projeto enfrentou muitos desafios, obteve grandes sucessos e segue em busca de melhorias. Os espaços externos têm se tornado ambientes de aprendizagem, brincadeira, exploração, criatividade, socialização, interação, expressão e autoconhecimento, além de promover a educação ambiental e sustentável.

O segundo relato é sobre a experiência exitosa da Equipe do Núcleo de Educação Infantil de Novo Hamburgo (RS), que desde há alguns anos se destaca pela maneira como utiliza os espaços externos nas creches e pré-escolas. Antes mesmo da LDB de 1996 definir a educação infantil como sendo a etapa inicial da educação básica, as escolas do município de Nova Hamburgo já tinham turmas de pré-escola. Esse relato trouxe onze fotografias coloridas de alguns espaços externos de diferentes escolas do município e crianças interagindo nesses espaços, inclusive a imagem da capa do livro é uma delas.

Posteriormente, a partir das DCNEIs e também da BNCC que definiam o brincar e as interações como eixos do currículo, e juntamente com a ampliação da oferta de educação infantil foram sendo pensados formações para as equipes de gestores e professores em busca de qualificá-los e capacitá-los a compreender a potência do brincar na natureza, o desenvolvimento do olhar para o brincar, sendo ele um direito

fundamental da criança. Pois brincando a criança aprende, inventa, levanta hipóteses, imagina, expressa, resolve conflitos, simula ações do cotidiano e muito mais.

Foram diversos encontros de formação oferecidos aos profissionais promovendo muitos diálogos e reflexões em busca de desenvolver espaços tanto internos quanto externos que possibilitem as crianças terem contato e vivenciarem experiências com a natureza e seus elementos.

Para analisarem os espaços existentes criaram quadros que enumeravam tudo que tinha no espaço externo e como aquilo era utilizado. Após analisar esses quadros chegaram à conclusão de que realmente no “lado de fora” é possível ampliar o conhecimento e atualmente os espaços externos possuem muitos elementos naturais não estruturados como tijolos, tocos, troncos, caixas, pedras, cordas, tecidos, galhos entre outros, que permitem que as crianças criem, transformem e reutilizem cada um da sua maneira conforme sua necessidade e sua imaginação.

Após exposição dos cinco capítulos, Maria Carmem Silveira Barbosa faz o posfácio, local destinado especialmente a contar sobre a relação de parceria entre as autoras e como surgiu a ideia para a escrita do livro. São apresentadas referências utilizadas e sugeridas para leitura, oportunizando ampliação das possibilidades de contato do leitor com outros escritos sobre a temática e, por fim, no apêndice, há uma breve descrição de diferentes instituições, programas e associações que atuam na educação, e de alguma forma valorizam o contato com a natureza. Essa organização nos incita a buscar conhecer as iniciativas e vivenciar nos espaços onde estamos, de maneira refletida, sentida, renovada e ampliada o contato com a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo do livro alerta-nos para a necessidade de incluir mais e melhor a relação da criança com a natureza na Educação Infantil. Fato que de alguma maneira, na história da educação de crianças pequenas, tem sido muitas vezes negligenciado, embora haja iniciativas mundiais que valorizem tal relação.

Somando-se a história mais recente, o livro foi escrito dentro de um contexto de pandemia, a Covid-19, que fez com que algumas pessoas se abstivessem do convívio social, ficando reclusas dentro de suas casas, por um longo período, fazendo das tecnologias por meio de redes sociais, chamadas de vídeo, vídeo conferências, aulas on-line e remotas, horas assistindo *lives*, filmes e séries, suas novas formas de socialização e lazer (Lima, Sousa, 2023).

O fato de as crianças não poderem frequentar a creche e a pré-escola aliado a um crescente uso das tecnologias digitais (fato que já acontecia antes da pandemia) diminui o convívio presencial das crianças com seus pares e a frequência em espaços externos. Ao contrário disso, as crianças ficam, muitas vezes, fechadas em casa (ou nos espaços internos da creche e da pré-escola) em contato com as telas, assistindo vídeos por horas, prejudicando a sua socialização e impedindo sua relação e contato com a natureza.

Toda a temática abordada no livro é relevante para as/os profissionais da área de Educação Infantil, principalmente pela forma como é apresentada, trazendo sempre de forma clara e expositiva os conceitos e maneiras de serem colocados em prática. Tornando possível visualizar e apreciar experiências exitosas a partir das fotografias e dos relatos de experiência, instigando às leitoras e aos leitores educadores a refletirem a respeito dos espaços externos da creche e da pré-escola que atuam e, também, em como podem utilizar esses espaços.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

HORN, Maria da Graça Souza, BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Abrindo as portas da escola infantil viver e aprender nos espaços externos**. Porto Alegre: Penso, 2022.

LIMA, Maria Géssica de. SOUSA, Felipe Neris Torres de. O uso excessivo de telas por crianças e adolescentes: uma análise do contexto da Covid-19. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 8, n. 2, p. 90-108, mar-abr, 2023.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA


RELAÇÃO DA CRIANÇA COM A NATUREZA: ABRINDO AS PORTAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA NOVAS APRENDIZAGENS

Child's relation with nature: opening child's education doors to new apprenticeships

Gabrielle Maria de Carvalho

Graduada em Pedagogia
Professora de Educação Infantil na rede pública de ensino
Universidade Federal de São João Del Rei, MG
Programa de Pós-graduação em Educação PPEDU
São João Del Rei, MG, Brasil


gabriellemacarvalho21@hotmail.com

 <https://orcid.org/0009-0000-5668-3638>

Amanda Valiengo

Doutora em Educação
Professora Adjunto da Universidade Federal de São João del Rei, MG
Departamento Ciências da Educação
Mestrado em Educação
São João Del Rei, MG, Brasil


amanda.valiengo@ufsj.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-2252-4588>

Cristiane Castro de Oliveira Ferreira

Graduada em Pedagogia
Professora de Educação Infantil na rede privada de ensino
Universidade Federal de São João Del Rei, MG
Programa de Pós-graduação em Educação PPEDU
São João del Rei, MG, Brasil

castroferreiracris@hotmail.com

 <https://orcid.org/0009-0001-9038-2510>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Jornalista José Beline dos Santos, nº 305, 36.305.210, São João del Rei – MG, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a professora Dr^a. Christianni Cardoso Moraes por ter incentivado a escrita desta resenha quando ministrou a disciplina Fundamentos da Educação Brasileira no Mestrado em Educação da UFSJ, bem como pelas sugestões e contribuições no processo de elaboração da resenha.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Todos os autores contribuíram substancialmente na concepção, elaboração, coleta de dados, discussão, resultados e revisão na elaboração da resenha.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não estão disponíveis publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 24-03-2023 – Aprovado em: 28-01-2024